



JOVENS EM AÇÃO: UMA VIVÊNCIA DE SOLIDARIEDADE NO COLÉGIO MARISTA SÃO LUÍS

Jean Prette¹ - UCE - CMSL
Sandra M. Biazotto² - UCE - CMSL

Eixo Temático: Ensino Médio

Resumo

O presente texto tem por finalidade apresentar, de forma clara e breve, uma experiência concreta realizada no decorrer do ano letivo de 2015 no Colégio Marista São Luís, em Jaraguá do Sul/SC, com os estudantes do 3º ano do Ensino Médio, a fim de perpassar a proposta formativa integral, ou seja, a pesquisa, a comunicação e a solidariedade. Por referencial teórico, evidenciamos os Estudos Culturais, como também o pensamento de Dayrell (2003, 2007, 2009) e Teixeira (2014), visando uma aproximação da conceituação do termo juventudes. Desse modo, cientes de que os jovens estão inseridos numa relação de contínua construção, de conflitos e negociações em funções de suas particularidades dentro de um currículo educacional, necessitam de algo a mais em suas atividades escolares para evocar a formação de seus 'eus'. Sendo assim, é necessário conhecer os jovens de modo integral, pois estes se encontram em processo de mudança e, a partir dessa relação, possibilitar que vivenciem não somente o campo do saber científico, muito importante nos dias atuais, mas, acima de tudo, por estarem inseridos numa proposta curricular balizada por meio de valores, proporcionar-lhes uma verdadeira empiria que valorize, no momento presente de suas vidas, o real sentido de serem jovens solidários.

Palavras-chave: Jovens maristas. Juventudes. Solidariedade.

Introdução

Tudo o que faço ou medito
fica sempre na metade.

¹ Mestrando em Educação. E-mail: jean.prette@colegiosmaristas.com.br.

² Especialista em Metodologia do Ensino Religioso. E-mail: smichelluzzi@colegiosmaristas.com.br.



5º Congresso Internacional
Marista de Educação

2º Congresso Marista de Educandos e Família

11 a 14 | outubro | 2016

Centro de Convenções de Pernambuco
Recife/Olinda - Pernambuco / Brasil

Educação de Qualidade: sentidos, experiências e horizontes

Querendo, quero o infinito.
Fazendo, nada é verdade.
Que nojo de mim me fica
ao olhar para o que faço!
Minha alma é lúdica e rica,
e eu sou um mar de sargaço.
Um mar onde boiam lentos
fragmentos de um mar de além...
Vontades ou pensamentos?
Não o sei e sei-o bem.

Fernando Pessoa (1933)

É com essa instigação poética-filosófica que aceitamos a possibilidade de continuarmos “querendo (...) o infinito”, imbuídos de inquietações, “vontades e pensamentos” e descobertas de uma caminhada. Mesmo com tanto tempo no espaço escolar, trabalhando e dialogando com os jovens, há sempre algo que nos inquieta, ou seja, as críticas sobre a atual conjuntura dos jovens. Dessa forma, é muito comum escutar, nos espaços escolares, muitos comentários sobre os jovens. Em muitos casos, eles são rotulados, com a finalidade de conceituá-los. Mas será que não se permanece “sempre na metade”, como citado no poema de Fernando Pessoa? Não é hora de avançarmos e passarmos da metade, desbravarmos com novos conhecimentos no que diz respeito a esses indivíduos?

Essas inquietações nos ajudarão em nossa trajetória, pois analisaremos novas perspectivas, olharemos para outros focos, visando à análise dos jovens, a fim de compreendê-los nessa fase da vida. E, nessa caminhada, à medida que buscamos conceitos referentes aos jovens, novas serão as descobertas. Assim, observamos que ainda não se conhece os jovens do colégio em questão, mesmo que, no âmbito social e político, exista uma grande preocupação com as juventudes em relação às políticas, aos projetos, às estruturas e às ementas constitucionais e educacionais

Visando contemplar os objetivos que se tem por meta, portanto, o presente texto foi arquitetado em três momentos: o primeiro refere-se ao campo teórico dos estudos culturais, uma aproximação ao conceito de juventudes; em seguida, exploraremos aspectos relevantes dos jovens inseridos na proposta curricular dos colégios maristas; e, por fim, apresentaremos o relato de uma imersão, relacionando teoria e prática, no qual os jovens experienciaram uma vivência de solidariedade.



Juventudes: uma conceituação possível?

Ao nos apropriarmos do campo teórico dos estudos culturais, cujo objeto de estudo é justamente a “(...) sociedade e suas relações de poder, (...) os estudos culturais estão sempre em movimento, de acordo com as mudanças sociais, políticas e econômicas” (MEYER, 2014, p. 23). Ou seja, abre-se uma tendência ao pensamento em se compreender os sujeitos, seja no individual ou no coletivo, por meio de uma compreensão cultural, o que Hall (1997) chamaria de “virada cultural” e que, segundo o autor, esclarece a “forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo” (HALL, 1997, p. 5).

Segundo Silva (2002), esse campo de teorização e investigação, iniciado na Inglaterra em 1964, tem como foco a resistência à cultura dominante, haja vista que os integrantes do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos se opunham ao pensamento dominante, que considerava a cultura um privilégio de uma elite restrita de pessoas. Frente a isso e, como consideramos as afirmações aludidas, ou seja, de que os estudos culturais são ‘adisciplinares’, faz-se necessário uma definição para que esse campo teórico adentre em instituições relacionadas ao processo de conhecimento. Johnson (2006) fundamenta os Estudos Culturais a partir de três elementos: suas relações com as disciplinas acadêmicas, seus paradigmas teóricos e seu objeto de estudo.

Consequentemente, ao adentrarmos em espaços de conhecimentos e pesquisarmos os jovens perante o campo dos Estudos Culturais, provocamos alguns questionamentos para nos ajudar a pensar a pesquisa sobre as juventudes. Diante disso e frente a uma proposta curricular, quais são os ensinamentos oferecidos aos jovens? Quais são os espaços que lhes são proporcionados na esfera sócio-política-cultural? Será que os jovens se sentem protagonistas das ações atribuídas a eles?

Nessa perspectiva, tem-se observado alguns sentidos de juventudes por meio de pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento, apoiadas no campo teórico dos Estudos Culturais. Assim, os trabalhos realizados com base nos conceitos de juventudes passam a ser analisados de forma mais abrangente, não se reduzindo somente a pesquisas de caráter cronológico, pois, como afirma Barbiani (2007, p. 140):



[...] pensar a juventude de hoje em suas múltiplas determinações e expressões obriga a todos a pensar e a falar no plural. Essa ‘regra’ é tributária do campo que introduziu a necessidade de ressignificação dos estudos e teorias sobre juventudes: os estudos culturais. Não obstante a ênfase presente aos atributos culturais, nos textos, encontramos a segunda regularidade discursiva: o mesmo em se tratando de ‘multiplicidades’, há de se considerar o contexto sócio-histórico nos quais os jovens criam e recriam modos de vida, ou seja, a afirmação da perspectiva que conceitua a juventude nos marcos de uma dada condição juvenil.

De fato, nos dias atuais, não podemos pensar somente em um conceito de juventude. Concordamos que são diversos os conceitos de juventudes frente à presença das múltiplas determinações, expressões e condições culturais presentes na sociedade. Desse modo, ao pensarmos em condição, salientamos que o termo do latim *conditio* “refere-se à maneira de ser, a situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas, também, refere-se às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação” (DAYRELL, 2007, p. 1108). Em continuidade ao pensamento, ressaltamos que condição juvenil:

refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes relacionados às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. (DAYRELL, 2007, p. 1108).

Assim sendo, seguindo determinado panorama de pesquisas, prosseguimos com o conceito de que “(...) não se leva em consideração aqui a cronologia demarcada pelos órgãos e documentos oficiais” (MEYER, 2014, p. 48), pois, como podemos analisar os documentos e, de modo particular, destacando a Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013, que ressalta de maneira linear o conceito de juventude, pois:

esta Lei institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. TÍTULO I - DOS DIREITOS E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE - CAPÍTULO I - DOS PRINCÍPIOS E DIRETRIZES DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE - Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. - § 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. - § 2º Aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos aplica-se a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente,



e, excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente. (BRASIL, Lei n. 12.852/2013).

A partir dessa prescrição, evidenciamos inúmeras pesquisas produzidas que visam a analisar os conceitos não de forma linear, mas, sim, de maneira ampla, destacando de modo próprio as políticas públicas voltadas para as juventudes. São numeráveis os programas apresentados, como podemos acompanhar, por exemplo, no Guia Nacional de Políticas Públicas³ para a Juventude, destinado aos Estados, ao Distrito Federal e aos municípios. Mas para quem e para quê? A resposta poderia ser simples: “para os jovens!”. Contudo, para quais jovens? E, assim, é evidente que, no campo de pesquisas com juventudes, encontram-se investigações com jovens de baixa renda, especialmente aqueles em condições de vulnerabilidade. Para estes, são pensadas as políticas de reparação e de inclusão.

Em outras palavras, se pensarmos as subjetividades cidadãos como produto da Educação Básica, perceberemos que é cobrada dos educadores, dos gestores e dos assistentes sociais. No entanto, o que sabemos sobre os efeitos discursivos de um currículo/colégio entre jovens de famílias de alta renda? Que processos de subjetivação são protagonizados por esses jovens? Que agenciamentos coletivos estão em fluxo nesses lugares? Como podemos aproximar os jovens, focalizando o olhar na perspectiva solidária?

Frente a esses questionamentos, será necessário ter um olhar histórico-social, a julgarmos que a condição dos jovens de alta renda vem sendo pouco investigada nos meios acadêmicos, pois, como afirmam Dayrell, Nonato, Dias e Carmo (2009, p. 106):

[...] nesse contexto, o jovem tematizado pelas pesquisas é, em sua maioria, urbano, oriundo das camadas populares e estudante de escola pública. Apesar da ampliação relativa do número de trabalhos que pesquisam jovens de classe média e estudantes de escola particular, **ainda existe uma lacuna no conhecimento desse setor da população juvenil** (grifo nosso).

Com os recortes apresentados e as questões em foco, demarcando a disposição de desbravarmos novos conhecimentos, faz-se necessário realizarmos a experiência de, como afirma Dayrell (2009), ver, ouvir e registrar. Ou seja, com essas três ações, apreciaremos

³ Os guias foram documentos produzidos pela Secretaria Nacional de Juventude, ligada à Secretaria-Geral da Presidência da República, em 2006, com atualizações em 2010, que apresentam os programas disponíveis para as juventudes.



como os jovens manifestam seus “eus” frente às propostas de solidariedade e de comprometimento com causas sociais, com o intuito de conhecê-los e valorizá-los enquanto sujeitos no momento atual de suas vidas.

Todavia, em muitos casos, tem-se a tendência de pensar no que os jovens “serão” e não no que eles “estão sendo”. Dessa maneira, fundamentamo-nos na argumentação de Charlot e Dayrell (2003, p. 43), ao afirmarem que o jovem é:

[...] sujeito é um ser singular, que tem história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim, como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e singularidade. [...] o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere.

Com efeito, consideramos o conceito de juventudes como um acontecimento em potência, que se vislumbra por diversos modos de ser. Porém muito ainda precisamos caminhar nessa compreensão, haja vista que, muitas vezes, os jovens são enquadrados em um projeto de ser, que, na maioria das vezes, são pensados pelos adultos, educadores, tutores etc.

Quando afirmamos que precisamos caminhar é porque concordamos com Teixeira (2014, p. 19), ao afirmar que:

[...] pertencemos às gerações mais antigas ou intermediárias – com um passado mais largo e um futuro mais curto – em relação à geração em que nossas turmas (jovens inseridos no EM) se localizam, que têm um futuro mais amplo e um passado mais curto. Tudo isso nós vemos, observamos, sentimos na sala de aula e na escola. Quem nunca viu, sentiu ou, qual de nós, nunca foi tensionado, por essas diferenças temporais entre professores e as crianças e jovens alunos?

Essa é uma realidade muito presente em nossas escolas: esquecemos a nossa posição nas tensões das diferenças geracionais. Sendo assim, conhecer os jovens no ambiente acadêmico e numa realidade de solidariedade faz com que nós, educadores, pensemos que, como nos lembra Teixeira (2014, p. 19), “(...) é sempre uma relação com o *outro* e com o *diverso*”.

Nessa linha de raciocínio, a maior riqueza que poderemos ter como educadores dos jovens envolvidos na pesquisa é compreendermos que “eles não são o que somos, eles não são como somos. Eles são outros sujeitos, outras individualidades, outras subjetividades. Eles são outras pessoas, outros seres (...)” (TEIXEIRA, 2014, p. 19). E, assim, corremos risco de não



conhecemos totalmente os jovens estudantes, de qualificá-lo como bons ou maus por corresponderem ou não às exigências de um currículo, esquecendo-nos completamente de que eles são outros sujeitos. Por isso, conforme Dayrell, Carrano e Linhares (2014, p. 108) enfatizam, faz-se necessário “conhecer os nossos jovens estudantes. Ao contrário, se nos apegarmos a modelos negativos e socialmente construídos, correremos o risco de produzirmos imagens em negativo de nossos jovens”.

Na perspectiva de valorizarmos cada vez mais os jovens, procuraremos conhecê-los a partir de outra ótica, ou seja, por meio de vivências e práticas de solidariedade, inseridas na proposta curricular da rede de colégios maristas.

Os jovens maristas

Vamos aos jovens lá onde eles estão.
Vamos com ousadia aos ambientes,
talvez inexplorados, onde a espera de Cristo
se revela na pobreza material e espiritual.

Evangelizadores entre os jovens (2011, p. 15)

Não é preciso ir muito longe para encontrar jovens; basta-nos dar uma passeada discreta na rua da cidade e encontraremos jovens de todos os jeitos, afinal de contas, ser jovem é ser diferente. Muitos são os lugares dos jovens: a escola, a rua, a balada, os clubes, as organizações sociais, as pastorais etc., lugares que possibilitam o desenvolvimento de suas potencialidades, individualidades e sentido(s) de vida.

Com isso, é importante esclarecermos que uma das missões da Instituição Marista, fundada por Marcelino Champagnat em 1817, é “(...) formar bons cristãos e virtuosos cidadãos” (FURET, 2010, p. 27). Para atingir esse ideal, Champagnat e os irmãos que adentravam no instituto trabalhavam em escolas, procurando ensinar as crianças e os jovens a ler e a escrever, além de ensinar os valores do Evangelho.

O tempo foi passando e o legado de Champagnat continua até hoje, presente em 80 países. A Instituição Marista manifesta a presença dos valores do Evangelho em escolas, centros sociais, universidades, hospitais, centro de comunicação, editora de livros, tendo



sempre em mente a missão do fundador. Para que isso aconteça, é preciso pensar nos protagonistas desse processo: as crianças e os jovens. Assim sendo:

o discurso, a ação e as ideias que circulam nos vários contextos ajudam-nos a compreender o estado das coisas que constituem o mundo, nossa visão desse mundo e do ser humano, assim como criam e recriam as realidades que nos envolvem e nos transformam. É nesse cenário multifacetado que se quer o ser aluno marista. (PROJETO MARISTA PARA O OFÍCIO DE ALUNO, 2010, p. 37).

Para dar conta desse cenário, a Educação Marista perpassa o ensinamento de conhecimentos científicos advindos das mais diversas áreas de conhecimento em consonância com as culturas, a sociedade e os próprios jovens estudantes, pois a escola é um dos lugares de aprendizagens do cálculo, de línguas estrangeiras, de localização no tempo e no espaço, além de aprender a ser, a fazer e a conviver com o diferente. É no espaço escolar que se pode humanizar ou desumanizar. A Educação Marista quer proporcionar aos jovens estudantes “ser mais”, haja vista que a própria natureza histórica do homem o faz querer transcender e, quando esse sujeito percebe-se um ser inacabado, um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, pode ir mais além (FREIRE, 1996).

Para atender a essa busca incessante de “ser mais”, as Unidades Educativas Maristas proporcionam que o seu estudante desenvolva três características que são importantes para uma formação integral: a pesquisa, a comunicação e a solidariedade. No que corresponde ao termo pesquisa, deseja-se que os jovens sejam capazes de produzir conhecimento e, além disso:

[...] que tenha uma análise crítica dos problemas do mundo, formulação de perguntas e proposição de respostas, em um processo problematizador sempre passível de confirmação, revisão, modificações e reconstrução, ou seja, em um processo dinâmico de construção e de responsabilização do conhecimento. (PROJETO MARISTA PARA O OFÍCIO DE ALUNO, 2010, p. 99).

Quanto à comunicação, entende-se que os jovens maristas compreendam as diferentes e as diversas linguagens que compõem o mundo, as diferentes identidades dos sujeitos, tudo isso imbuído do espírito da justiça e da verdade. Por isso, a vivência, a partilha, a escuta e o diálogo potencializam um novo jeito de comunicar o que se vive e o que se conhece. Essa



comunicação não fica isolada a uma linguagem reduzida, comum, mas abre-se a novos horizontes numa perspectiva de “ser mais”.

A comunicação “(...) contribui para a formação de um aluno solidário, visto que potencializa a atuação do sujeito (...)” (PROJETO MARISTA PARA O OFÍCIO DE ALUNO, 2010, p. 101) para ações sociais e “(...) contribui para a compreensão do outro e do mundo (...)” (PROJETO MARISTA PARA O OFÍCIO DE ALUNO, 2010, p. 102). Nesse sentido, a Educação Marista quer jovens que saiam do seu comodismo, encontrem e despertem no outro o sentido de “ser mais”.

Já a solidariedade consiste na:

[...] responsabilidade que se estabelece entre pessoas e organizações, na união e na integração da diversidade. Trata-se de uma ligação mútua e fraternal, motivada pelo sentimento de união. Pelo compartilhamento dos mesmos problemas, desafios e objetivos de forma recíproca e interdependente. (PROJETO MARISTA PARA O OFÍCIO DE ALUNO, 2010, p. 102).

No entanto, para ter jovens pesquisadores, comunicadores e solidários, bem sabemos que precisamos que, no espaço escolar, todos sejam responsáveis pelo bom desempenho deles. Pelo educador, perpassa a responsabilidade de reinventar a sua prática pedagógica para estabelecer uma relação entre a teoria e a prática. Assim, a prática pode ser compreendida como a relação que se estabelece entre o modo de interpretar a realidade e a vida, levando a uma ação transformadora da realidade. Juntos, educadores e jovens estudantes buscam humanizar e humanizar-se, repensando a vida em sociedade e exercitando a perspectiva ontológica de ser mais.

Uma vivência prática de solidariedade

O projeto Cidadania Literária em Ação teve início por meio de um trabalho escolar, envolvendo as disciplinas de Ensino Religioso e Sociologia, cujo conteúdo era: responsabilidade social, compromisso de todos. O objetivo era desenvolver nos jovens estudantes do 3º ano do Ensino Médio a solidariedade e o voluntariado. Portanto, para que eles entendessem exatamente o que era voluntariado e solidariedade, os educadores dessas disciplinas, juntamente com a coordenação psicopedagógica, realizaram uma mesa redonda,



convidando seis instituições que desenvolvem trabalho solidário, de cunho voluntário, a participarem. Na ocasião, puderam testemunhar e sanar as suas dúvidas quanto ao exercício da cidadania e da alteridade.

O outro passo do trabalho era que os estudantes escrevessem as suas ideias e os seus interesses no âmbito do voluntariado, ou seja, em grupos, eles poderiam direcionar os seus projetos nas áreas desejadas. Diante dos diversos projetos escritos, foi eleito um para eles executarem juntos: promover a cultura por meio da literatura. A ideia inicial era que esse projeto fosse executado em uma instituição pública do município; contudo, devido à vontade dos estudantes de promover o encontro de crianças com a arte literária, percebemos a necessidade de ampliar para mais uma instituição de ensino. Foi dessa maneira que o projeto ficou registrado como: Cidadania Literária em Ação.

Para que tudo isso fosse possível, eram necessários livros. Dessa forma, foi realizada uma campanha interna, mobilizando toda a comunidade educativa para a arrecadação de livros, que seriam doados e utilizados com as crianças de cada instituição em que o projeto é realizado mensalmente. A arrecadação obteve grande repercussão e êxito, e foi arrecadado um grande número de exemplares. No entanto, os jovens estudantes desejavam atingir mais crianças, sendo necessário, para isso, mais livros. Para efeito, desenvolvemos mais uma ação junto ao bazar de um evento na cidade, no qual conseguimos fazer a divulgação do projeto para as pessoas que ali chegavam e, novamente, atingimos bons resultados. Todavia, como o número de exemplares ainda era insuficiente para o tamanho do projeto, os jovens decidiram entrar em contato com centros comerciais do município, pedindo-lhes autorização para a colocação de caixas, com uma frase explicando a arrecadação: Ação 3^o – Doe um livro e ajude a promover a cultura literária. A partir desses pontos de coletas, os jovens estudantes conseguiram cada vez mais exemplares para a execução do seu projeto.

O projeto Cidadania Literária em Ação foi desenvolvido em dois polos: em uma instituição com crianças, apenas uma vez por mês (no quarto sábado); e toda semana (sexta-feira) em um Centro de Educação Infantil da cidade, durante dois meses. Para a instituição em que contamos histórias no quarto sábado, entregamos aproximadamente 120 livros, ampliando consideravelmente a sua biblioteca. As crianças se entretiveram com os novos livros e,



sobretudo, com a história contada. Como já acontece um projeto de contação de história nessa instituição, acreditamos que contribuímos somente um pouco para o gosto da leitura.

Entretanto, no Centro Infantil de Educação, pudemos incentivar com mais exatidão o gosto e o hábito pela leitura. Nessa instituição, foram trabalhadas duas turmas de pré-escola, totalizando 46 crianças. Escolhemos essa faixa etária, pois é a idade em que as crianças começam a ler e, nesse período, é essencial despertar-lhes o gosto e o interesse pela leitura. É claro que os educadores das turmas já desenvolvem projetos e contação de histórias, mas, como queríamos desenvolver mais esse trabalho voluntário, desejamos e nos organizamos para acompanhar essas turmas semanalmente, todas as sextas-feiras. *A priori*, as crianças estavam tímidas com a proposta, mas, ao mesmo tempo, abertas ao novo, o que contribuiu muito para a realização de ações, as quais envolveram a ludicidade, o contato com a leitura por meio da contação de história, a roda de conversa e, por fim, uma atividade para registrar a história.

No desenvolver do projeto, foi possível perceber a mudança de comportamento das crianças quanto à contação das histórias. Por meio das dinâmicas apresentadas pelos estudantes, das diferentes formas de ler e das diferentes formas de ver o livro, as crianças começaram a pegar os livros e a folhá-los, muitas vezes ainda não conseguindo ler, pelo fato de estarem iniciando esse aprendizado, mas tentando entender, por meio das gravuras, o que se contava nos livros. Algumas arriscavam ler e contar aos colegas o que se passava nas páginas dos livros. Nos últimos encontros, já era perceptível nas crianças o interesse pela leitura, a espera delas pela chegada dos estudantes do 3º, que trariam novas histórias e novas experiências.

Os jovens que participaram das contações de histórias e tiveram contato com as crianças desse centro de Educação Infantil revelaram que a experiência enriqueceu não apenas as crianças em âmbito de conhecimento e um momento diferenciado, mas também o crescimento deles próprios, protagonistas dessa ação, pois deixaram sua zona de conforto para que executarem o projeto. Enquanto, antes, estavam seguindo uma rotina de atividades de aulas, provas e exercícios, com a aplicação do projeto, focavam no seu desenvolvimento, além de estudar para o vestibular e para o ENEM. Adotaram uma rotina duvidosa, pois, por mais que sabiam que estariam com as crianças, não sabiam qual seria a reação delas, o



comportamento frente à experiência da leitura, o encontro com aqueles jovens nunca vistos antes e que, agora, trariam essa experiência até elas.

Considerações Finais

Depois de percorrermos as trilhas dessa reflexão, retomamos a pergunta: como conceituar e ou pensar as juventudes de hoje? Pautados em teorias e experiências com os jovens nos mais diversos âmbitos, podemos considerar que há uma multiplicidade juvenil, na qual eles inventam e reinventam o seu estilo de vida. Portanto, como adultos, precisamos ter uma visão holística sobre eles, mas sempre tendo em mente que esses jovens são sujeitos que têm suas histórias e suas singularidades.

Atentos a isso, as práticas educativas precisam estar pautadas na aproximação, em uma atitude dialógica, proporcionando reflexões sobre os sujeitos. É preciso ter uma proposta curricular que atenda tanto às competências exigidas pelo mercado quanto à formação integral dos jovens estudantes, haja vista que se faz necessário “(...) ir além dos desejos profissionais e econômicos impostos pela sociedade e buscar um sentido de formação mais amplo” (MARTINS, 2009, p. 20), pois, como podemos observar no relato a seguir:

algo que sempre desejei fazer foi me envolver em um projeto de voluntariado e, graças ao projeto da turma, consegui saciar essa sede. Envolver-me em algo que eu seria útil e trouxesse benefício a alguém, mesmo este não percebendo, pois desde o início do projeto sabia que nem todos os dias seriam bons, pois havia dias em que as crianças ou mesmo eu não estaria tão disposta ou receptiva. Tive que aprender a lidar com a ‘roda gigante’ que é se envolver em um projeto assim e lembrar que, como na roda gigante, havia momentos baixos, não tão belos, mas que logo em seguida apareciam os picos que traziam satisfação e me fazia lembrar por que estava ali. Participar de algo assim é realmente muito gratificante, que me fez crescer como pessoa; percebi ao longo do projeto a mudança ocorrida em mim, a mudança em meu olhar para os outros, não com um olhar de pena, isto nunca, mas um olhar mais aprofundado ao ser humano. Ajudou-me a perceber ainda mais as necessidades existentes à minha volta. (E. H. – 16 anos).

Não se pode perder de vista que o espaço escolar é apenas um dos espaços que auxiliam os jovens a desenvolverem as suas potencialidades. Entretanto, é importante que a teoria aproxime-se da prática e desperte nos jovens estudantes o desejo de compartilhar com o outro, sobretudo o mais vulnerável, o seu lado solidário, missão de toda pessoa próxima dos valores maristas. Para ilustrar essa realidade, destacamos a narrativa a seguir:



quando topei participar do projeto, não tinha noção da dimensão que ele tomaria; sempre participei de ações sociais, mas nunca de forma tão direta, nunca me envolvi tanto com os beneficiados. Participar de um projeto como esse envolve altos e baixos, alguns dias não conseguia conter a felicidade pela gratidão das crianças, outros dias desanimei por não terem sido tão receptivas como antes; é tudo instável, mas a vontade de querer fazer o bem, ser o bem, era grande demais para a desmotivação. Sinto que, ao final do projeto, o vazio será imenso, mas a gratidão e a sensação de missão cumprida também. Espero ter feito tão bem às crianças quanto elas fizeram a mim. Cresci, tornei-me mais humana, mais solidária e sensível às injustiças sociais. (M. N. – 16 anos).

Acreditamos que jovens em ação são virtuosos cidadãos e, no protagonismo de cada um, a ação solidária incentivou os estudantes a saírem de sua zona de conforto, da rotina de ENEM e vestibular, sem perderem o foco nos estudos, a dedicarem-se ao voluntariado, contribuindo para o bem de si mesmos na prática de solidariedade.

REFERÊNCIAS

BARBIANI, R. Mapeando o discurso teórico latino-americano sobre juventude(s): a unidade na diversidade. **Revista Texto & Contextos**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 138-153. jan/jun. 2007.

BRASIL. Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013. Dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 5 ago. 2013. DF: Senado Federal, 2013.

DAYRELL, J.; CARRANO, P.; LINHARES, C. (orgs.) **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DAYRELL, J. *et al.* Juventude e Escola. In: SPOSITO, M. P. (coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

_____. A escolar “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, ed. especial, p. 1105- 1128, out. 2007.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. n. 24, p. 40-52, set./out./nov./dez., 2003.

_____. **Evangelizadores entre os jovens**. Documento de referência para o Instituto Marista, v. 1. Comissão Internacional da Pastoral Juvenil Marista. São Paulo: FTD, 2011.



FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURET, J. B. **Guia das Escolas para uso nas casas dos Pequenos Irmãos de Maria**: Documento do 2º Capítulo Geral do Instituto Marista. Brasília: Umbrasil, 2010.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, n. 2, v. 22, Porto Alegre, 1997.

JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? *In*: SILVA, T. T. (Org). **O que é, afinal, Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARTINS, I. R. F. **A concepção curricular do colégio marista e a formação de alunos pesquisadores, comunicadores e solidários**. Dissertação de mestrado em Educação. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma, SC, 2009. 133f.

MEYER, E. de J. F. S. **Os sentidos de juventude nos discursos das políticas públicas curriculares para o Ensino Médio?** MEC e Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina. Dissertação de mestrado em Educação, Universidade da Região de Joinville: UNIVILLE, SC, 2014. 133f.

PROJETO MARISTA PARA O OFÍCIO DE ALUNO. **Província Marista do Brasil Centro-Sul**. São Paulo: FTD, 2010.

SILVA, T. T. da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TEIXEIRA, I. Uma carta, um convite. *In*: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; LINHARES, C. (orgs.) **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.